

Instituto Politécnico de Tomar

Pioneiro na formação em Conservação e Restauro

por Alexandra Abreu

"N

a maioria dos casos, é preferível não intervir de todo no património, optando apenas por travar o processo de deterioração, do que proceder a restauros pouco adequados. Por vezes, a acção humana é bem mais prejudicial do que a acção temporal. Cometeram-se muitos erros na área da Conservação e Restauro em Portugal". Quem o afirma é o Professor Doutor José Bayolo Pacheco de Amorim, Presidente do Instituto Politécnico de Tomar (IPT) e responsável pela criação do primeiro curso superior de Conservação e Restauro em Portugal. Para Pacheco de Amorim, não basta preparar artífices para a realização de restauros, "antes disso, é imprescindível formar o verdadeiro restaurador, alguém que saiba interpretar uma peça de arte que precise de reparação e decidir o que deve, ou não deve ser alvo de uma intervenção, e se sim, como esta deve ser realizada". Motivos mais do que suficientes para reivindicar, junto do Ministério da Educação, a criação de um curso superior, passível de dotar os alunos dos conhecimentos necessários para intervirem, com consciência, no rico património português. A aprovação do primeiro curso superior nesta área esteve longe de ser um processo fácil, já que o seu responsável foi obrigado a elaborar diversas exposições, recorrendo aos



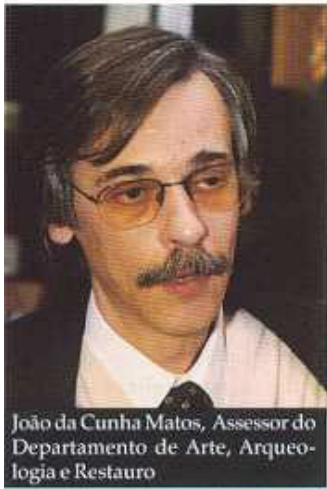
inúmeros exemplos de más intervenções já realizadas em Portugal. Os argumentos foram aceites, o que permitiu ao Instituto Politécnico de Tomar criar, em Janeiro de 1988, o curso superior em Conservação e Restauro.

O IPT é uma moderna instituição de Ensino Superior, composta por duas escolas: Escola Superior de Tecnologia e Escola Superior de Gestão, que desenvolve a sua actividade em diversas valências do saber humanístico e tecnológico, como sejam, a Cultura e Gestão;

Arte, Arqueologia e Restauro; Fotografia e Artes Gráficas; Engenharia Civil; Engenharia Química; Engenharia Electrotécnica e Engenharia Informática. Na opinião de Pacheco de Amorim,



José Bayolo Pacheco de Amorim, Presidente do Instituto Politécnico de Tomar e Director do Departamento de Arte, Arqueologia e Restauro



João da Cunha Matos, Assessor do Departamento de Arte, Arqueologia e Restauro

o facto de a mesma instituição concentrar, nos cursos superiores que ministra, todas as áreas (Tecnologia, Ciências, Artes e Humanidades) “representa a mais valia do IPT. No entanto, neste Instituto, estes ramos nunca foram concebidos como entidades separadas. Pelo contrário, foi sempre potenciada a sua complementaridade, por forma a que os estudantes, formando-se essencialmente numa área, beneficiassem do conjunto dos recursos culturais do Instituto. Esta opção, por um lado, promoveu a formação superior dos nossos alunos e, por outro, gerou uma economia de meios, assim partilhados entre os diferentes cursos”, salienta Pacheco de Amorim.

De facto, esta complementaridade entre as diversas áreas ministradas,

é bem visível no curso de Conservação e Restauro, um bacharelato de três anos, composto por quatro grandes áreas disciplinares: Conservação e Restauro, História e História da Arte, Física e Química e Materiais. Para Pacheco de Amorim, a elaboração deste curso, organizado por estas áreas científico-pedagógicas, pretende “dotar o aluno de uma cultura de base elevada, e só então proceder a uma especialização. E isto ao contrário do que é hoje corrente, em que os cursos são elaborados de forma que os alunos aprendam tudo sobre uma determinada especialidade, numa escassez de conhecimentos básicos, que possibilitem uma actuação consciente. No curso de Conservação e Restauro procuramos que os nossos alunos tenham formação em História Universal e História da Arte, porque só assim conseguem entender o Património Histórico. Mas estas componentes não chegam, pois é igualmente fundamental que tenham sólidos conhecimentos de Física, Química, Materiais e que, acima de tudo, aprendam e pratiquem as Técnicas de Restauro, sem as quais nunca chegariam a ser grandes restauradores”.

Outra característica deste curso de Conservação e Restauro passa pela preocupação em igualar a vertente teórica com a prática. Aliás, a carga horária das aulas práticas acaba mesmo por ser superior à teórica. Para João da Cunha Matos, assessor do director do curso, “é fundamental que os nossos alunos terminem a sua formação a saber restaurar, o que lhes permite integrar de imediato, e com conhecimento de causa, o mercado de

trabalho”.

Para além dos laboratórios de Física e Química, os alunos utilizam também os laboratórios de Conservação e Restauro, que funcionam com a colaboração de técnicos especializados nas áreas das cerâmicas, pedra, madeiras, metais, pintura, escultura e fotografia. Todos os laboratórios estão apetrechados e prestam, de acordo com João da Cunha Matos, “um apoio imprescindível à docência, pois neles funcionam as aulas práticas, bem como fornecem, em articulação com o Centro de Estudos de Arte e Arqueologia, múltiplos serviços à Comunidade”. De facto, muitas entidades, como sejam o IPPAR, a DGEMN, as autarquias, misericórdias, museus, institutos e até privados, recorrem aos serviços de Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar. Nestes casos, os alunos intervêm de acordo com os conhecimentos já adquiridos em conjunto e com a supervisão dos técnicos especializados da instituição. “É óbvio que determinados trabalhos não são entregues aos alunos, por estes ainda não terem obtido a perícia necessária, mas muitas tarefas são mesmo realizadas por eles. Por exemplo, no caso das cerâmicas, os alunos começam pelas colagens, só mais tarde procedendo à reintegração pictórica, sempre orientados pelos técnicos”, refere João da Cunha Matos, que acrescenta: “muitas vezes, antes de intervirem em trabalhos deste género, os alunos praticam em peças suas”. A Torre do Tombo, o Instituto José Figueiredo, o Mosteiro dos Jerónimos, entre outros, são exemplos de



Alunos do curso de Conservação e Restauro num dos laboratórios do IPT

entidades que já recorreram aos serviços do Departamento de Conservação e Restauro, do IPT. Na sequência do bacharelato em Conservação e Restauro, aos alunos



Todas as peças para conservação e restauro são analisadas pormenorizadamente no laboratório de física e química

é dada a possibilidade de, no próprio departamento de Arte, Arqueologia e Restauro, frequentarem estágios prolongados, assim como de ingressarem no segundo ciclo do curso, composto por mais dois anos lectivos, onde obterão o grau de licenciatura em uma das três áreas possíveis: Tecnologia da Conservação e Restauro, Arte Lusitana, ou Arqueologia da Paisagem. Após os cinco anos de formação, três de bacharelato e dois de especialização, os licenciados do curso de Conservação e Restauro, para além de ficarem habilitados a orientarem e intervirem directamente na conservação e restauro de monumentos e objectos de arte, designadamente nas áreas específicas por que optaram, ficam também capacitados a exercerem a sua actividade no estudo de peças de arte, assim como de trabalharem nas áreas de Turismo, Museus e Estações Arqueológicas. *“De um modo geral, os nossos alunos ficam aptos a trabalhar em todas as áreas, ligadas ao património, nomeadamente ao nível da identificação, defesa, ambiente e conservação e restauro”,* assegura João da Cunha Matos.

Pacheco de Amorim não quis deixar de referir que, *“apesar de serem reconhecidos os êxitos deste curso”* existe na nossa legislação uma lacuna que deve ser colmatada, por forma a contribuir para a melhoria da formação no Ensino Politécnico, e que passa pela necessidade de criar a figura do professor técnico. *“Temos bons professores e temos bons técnicos, mas falta-nos a figura do professor técnico, aquela personagem especializada em restauro, que além de ser*



Pintura a óleo sobre madeira de carvalho (193x127cm), Séc. XVI. Aspecto geral, antes e após tratamento de conservação. (Fotografias do Laboratório de Fotografia do D.A.A.R-E.S.T.)



um artífice muito hábil, tenha também a componente de professor. É importantíssimo, porque às vezes surgem casos que, além da habilidade manual, e conhecimento das técnicas, exigem intuição pedagógica. Mas como os artífices não podem evoluir na carreira como professores, isto é, como não têm as habilitações académicas, não podem fazer mestrados ou doutoramentos, os especia-

listas com estas qualidades optam por trabalhar fora do ensino onde são melhor remunerados”, explica Pacheco de Amorim. Na opinião do Presidente do IPT e Director do Departamento de Arte, Arqueologia e Restauro, *“a solução passa pelo Ministério da Educação criar a figura do Professor Técnico, com carreira e concurso próprios, como já antes havia nas Universidades”.* ■

Instituto Politécnico de Tomar pretende criar especialização em Recuperação do Património Edificado



Depois de ter conseguido criar o primeiro curso de Conservação e Restauro, a nível superior, em Portugal, Pacheco de Amorim está actualmente a encetar esforços junto do Ministério da Educação no sentido de fazer aprovar uma especialização na área da Recuperação do Património Edificado, correspondente ao grau de licenciatura.

Na base desta especialização está, como não poderia deixar de ser, a criação de um curso de Arquitectura, com a componente de Conservação e Restauro do Património Edificado. *“Este curso está a ser preparado há já alguns anos. A trabalhar connosco na elaboração desta área está um arquitecto, que actualmente, e ao abrigo do PRODEP, está a fazer o doutoramento em conservação e restauro de monumentos”,* salienta o Presidente do Instituto Politécnico de Tomar. Para Pacheco de Amorim, a aposta nesta área da formação reveste-se de grande importância, na medida em que *“em Portugal não existem cursos de arquitectura especializados em conservação e restauro de monumentos e edifícios utilitários, o que não é a mesma coisa que construir de raiz. É fundamental que possuam os conhecimentos necessários nas áreas científico-culturais, para procederem à recuperação do património edificado”.* A proposta foi entregue no Ministério da Educação há dois anos, mas até ao momento não obteve qualquer resposta.